

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LAURA FACURY MOREIRA

Notas sobre os suicídios: a vida imantada

Belo Horizonte

2015

LAURA FACURY MOREIRA

Notas sobre os suicídios: a vida imantada

Relatório final, apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, como parte das exigências para a obtenção do título de especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Cassandra Pereira França

Belo Horizonte

2015

Autorizo a reprodução e divulgação parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Nome: Laura Facury Moreira

Título: Notas sobre os suicídios: a vida imantada

Trabalho final, apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, como parte das exigências para a obtenção do título de especialista em Teoria Psicanalítica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

RESUMO

De acordo com dados publicados pela OMS em 2014 em diversos países do mundo o suicídio se encontra entre as dez causas de morte mais frequentes e o registro de tentativa de suicídio alcança também números exorbitantes, mas presume-se que o número real de tentativas ultrapasse muito o registrado. Diante deste importante dado de saúde pública e principalmente da constatação de um sofrimento psíquico que se apresenta de uma forma específica, o presente trabalho pretende fazer os seguintes questionamentos: Qual é o ponto, do funcionamento psíquico que, diante do sofrimento, determinaria a “escolha” subjetiva de uma saída pela via da vida ou pela via da morte? Sendo a morte um ato tão radical, o que poderia estar por trás de sua aparência, daquilo que ela evidencia como destruição, interrupção da vida? Tomando a psicanálise como alicerce dos caminhos escolhidos para serem trilhados neste trabalho, inicialmente faz-se uma reflexão sobre o conceito de pulsão de morte e seu papel no suicídio: seria ela justamente a motivadora do suicídio, ou poderia esse ser tomado como a manifestação por excelência desta pulsão, da tendência ao inorgânico, à inexistência. Faz-se um percurso de complexificação do conceito passando por Freud, Lacan (na leitura de Garcia Roza) e Laplanche. Posteriormente outro caminho é apontado para a reflexão acerca do suicídio: e se o suicídio não fosse necessariamente uma manifestação da morte? Se não fosse necessariamente (auto)destrutivo? E se o suicídio estivesse mais a serviço de elementos de vida, da permanência, da preservação, do que ele pode evidenciar? Essas investigações levaram a compreensões importantes para a clínica com esses pacientes. Percebe-se que na tentativa de suicídio uma possibilidade de compreensão é que os ataques pulsionais internos ao sujeito, em direção a sua própria rede egóica pode parecer (ao sujeito) mais ameaçador que a morte real, desta forma a saída pela via da morte real aparece como a própria preservação do Eu. Compreende-se também que a função do outro como alteridade e nomeador de sentido para o outro pode ser determinante para uma saída alternativa à morte. O amor e o cuidado endereçados ao sujeito podem criar uma *imantação* do Eu, e desta forma facilitar ou até mesmo proporcionar outras formas menos mortíferas de elaboração psíquica.

Sumário

1. Introdução	6
2. Capítulo 1 – representações do mortífero	9
2.1. O CAMINHO DE FREUD	11
2.2. A PULSÃO DE MORTE	15
3. Capítulo 2 – uma virada teórica.....	21
4. Capítulo 3 - a alteridade na constituição subjetiva.....	24
4.1. O OUTRO, O EU E OS CUIDADOS.....	27
5. Considerações finais	30
referências bibliográficas	32

1. Introdução

Tive a oportunidade de trabalhar com a clínica psicanalítica no pronto atendimento de um hospital geral de Belo Horizonte durante alguns anos. A demanda mais recorrente, eu diria diária, de atendimento para a psicologia neste setor era de pacientes internados em função de tentativas de suicídio. Apesar da pluralidade desta clínica e das diferentes formas de sofrimento psíquico, na maioria dos casos, encontravam-se diante de mim, sujeitos que pouco conseguiam dizer sobre si, sobre a cena do suicídio, sobre o sofrimento no qual estavam imersos. Eu ouvia, discursos fragmentados e pouco elaborados.

Este recorte do atendimento de pacientes com tentativa de suicídio em um Hospital público de Urgência e Emergência é uma representação do cenário da área da saúde no que se trata do atendimento deste perfil de paciente. Segundo relatório publicado pela Organização Mundial de Saúde [OMS] em 2006, o suicídio está

entre as dez causas de morte mais frequentes em vários países do mundo. Dez a vinte milhões de pessoas terão tentado suicidar-se. Mas presume-se que os números reais sejam ainda mais elevados. Embora as taxas de suicídio variem de acordo com categorias demográficas, elas aumentaram aproximadamente 60% nos últimos 50 anos (p. 3).

E em relatório de 2014 da OMS, eles afirmam que entre pessoas jovens, de 15 a 29 anos de idade, o suicídio encontra-se como a segunda maior causa mundial de morte (2014) [tradução livre]. Trata-se de um problema grave de saúde pública e mesmo assim pouco tratado e teorizado, talvez pela radicalidade daquilo que ele suscita.

No âmbito dos cuidados hospitalares prestados a esses pacientes, percebia que eram comuns reações hostis da equipe de cuidado, que apareciam em frases como “esse paciente só queria chamar a atenção do namorado/mãe/pai”, ou então “se quisesse morrer mesmo, tinha feito direito”, ou uma reação de afastamento da equipe para lidar com a família ou até mesmo com o próprio paciente. Tais efeitos afetivos, vividos justamente por aqueles que ocupam um lugar privilegiado e, sobretudo, legitimado de cuidado (mesmo que este cuidado se dê em um nível mais concreto, do corpo, da medicação, dos curativos) nos aponta, em uma lógica contratransferencial, para a hipótese de que o ato de autoextermínio suscita no cuidador elementos mais arcaicos da sua própria vida pulsional.

Enquanto eu experimentava reações de completa impotência, desamparo e angústia diante da radicalidade do ato, era convocada também pelos outros membros da equipe, a voltar minha atenção em meus estudos para a significação da saída subjetiva pela via da morte. Levando em consideração a pluralidade desta clínica, os matizes possíveis deste ato mortífero e sem a intenção de descomplexificar esse assunto tão cheio de nuances no caso a caso, reconheci a importância de encarar esse tema espinhoso e para isso levantei os seguintes questionamentos: Qual é o ponto, do funcionamento psíquico que, diante do sofrimento, determinaria a “escolha” subjetiva de uma saída pela via da vida ou pela via da morte? Sendo a morte um ato tão radical, o que poderia estar por trás de sua aparência, daquilo que ela evidencia como destruição, interrupção da vida?

Parece-me que a reação do outro diante do fenômeno do suicídio pode ser justamente a reatualização de algo próprio do sujeito, de algo que este se esforça por recalcar, mas é escancarado na situação do suicídio. A morte assusta, e provoca os mais diversos sentimentos, estaria a pulsão de morte relacionada com essas reações?

Essas foram algumas perguntas que despertaram meu desejo por realizar o presente trabalho na tentativa de iniciar uma reflexão teórica acerca das condições subjetivas que determinam as respostas aos sofrimentos próprios da experiência humana.

Tomo como ponto de partida para esta reflexão as reações reconhecidas tanto em mim, durante os atendimentos clínicos, quanto na equipe de cuidados que, frequentemente, mantinham relações hostis com esses pacientes e seus familiares. Também me intriga muito o fato de tal tema aparecer tão pouco nas políticas públicas apesar de sua alta incidência, como vimos pelos dados da OMS.

Diante do enigma que se faz sobre o suicídio, caminharei por duas trilhas principais: tentar compreender qual é o papel da pulsão de morte no suicídio, se ela seria justamente a motivadora, ou até mesmo se o suicídio poderia ser tomado como uma manifestação por excelência da pulsão de morte, da tendência ao inorgânico, à inexistência. Para isso farei um percurso de complexificação do conceito, passando por Freud, Lacan (na leitura da Garcia Roza) e Laplanche.

A outra trilha escolhida se baseia na pergunta: e se o suicídio não fosse necessariamente uma manifestação da morte? Se não fosse necessariamente (auto)destrutivo? E se o suicídio estivesse mais a serviço de elementos de vida, da permanência, da

preservação, do que ele pode evidenciar? Esta provocação feita por Laplanche, em entrevista com Marta Cardoso, apesar de paradoxal, parece-me preciosa para flexibilizar a escuta da clínica do paciente que tenta autoextermínio. Na medida em que se pode expandir as possibilidades de escuta, expande-se também as possibilidades de cuidado. Busco na teoria laplancheana sobre o desenvolvimento psíquico do sujeito para tentar compreender os elementos que estão implicados nesta afirmação.

2. Capítulo 1 – Representações do mortífero

Ao olhar desatento para as criptografias do inconsciente, o fenômeno do suicídio faz retomar imediatamente o fenômeno da morte e, sobretudo, da fragilidade da vida. O ato de tentar contra a própria vida parece tangenciar conteúdos que questionam a própria naturalidade da existência, é como se a vida fosse desafiada em seu sentido e em sua magnitude. Respeitando a singularidade dos casos de suicídio, sejam consumados ou não, a psicanálise nos oferece ferramentas para destrinchar as significações que podem estar presentes de forma encoberta pela significação mais óbvia, mais aparente, que seria a própria morte como uma “desistência” da vida.

Percebo, sobre este aspecto, que a psicanálise é convocada para dizer de um lugar muito especial, daquele que se debruça sobre as significações da criptografia do inconsciente, e se depara com as significações as mais diversas e surpreendentes. Devo ressaltar, porém, o meu reconhecimento do presente trabalho como um esforço de dar algum significado às tentativas de suicídio dos diversos pacientes que passaram pela minha clínica. Desta forma reconheço um movimento de tentar encontrar o que há de vida, o que há de significado, para além da própria morte na tentativa de autoextermínio.

Farei aqui um esforço de ir a fundo no próprio fenômeno do suicídio, tentando reconhecer as motivações inconscientes e os efeitos pulsionais que podem subjazer o ato mortífero. A partir da psicanálise, várias são as leituras possíveis sobre o autoextermínio. Uma das leituras que me parece muito fecunda para compreender a clínica de pacientes suicidas é a teoria da melancolia e seus efeitos mortíferos. Na teorização sobre a melancolia Freud ressalta a evolução psicopatológica de um processo normal diante de uma perda de objeto de amor. Apesar de sua riqueza teórica e pertinência com o tema, faço uma escolha de tratar no presente trabalho de outro aspecto, também mortífero, que pode trazer consequências muito significativas para a clínica com pacientes suicidas¹.

Escolho por trabalhar o suicídio em relação a suas disposições pulsionais, tentando levantar uma espécie de economia pulsional da morte. Neste ponto não é minha intenção

¹ Para os leitores interessados no tema da melancolia no suicídio resalto aqui os trabalhos recentes de Elisa de Santa Cecília Massa “Reflexos do objeto materno: do processo melancólico ao impulso suicida – as horas que separam duas mortes” e de Ana Cecília Carvalho “A poética do Suicídio em Silvia Plath”

nenhuma inovação teórica. Atentarei meus esforços a uma evidenciação do caminho teórico traçado.

Cuidando da singularidade do caso a caso, independente da “estética” na qual a cena do suicídio se apresenta, os diferentes meios utilizados para alcançá-lo, mesmo nos mais diversos matizes de tipos de sofrimento ou nos matizes de violência, o fenômeno do suicídio parece sempre ter uma constante, justamente o fator da agressividade auto infligida. Independente do verdadeiro alvo do “assassinato”, seja ele o próprio ego, seja ele o corpo, seja ele introjeções mortíferas, em sua consequência última, do suicídio não resta nada do próprio sujeito. Nem seu ego, nem seu corpo, muito menos qualquer marca subjetiva mortífera. Faço uma leitura de que esta parece a consequência mais radical da autoagressão.

Mas do que se trataria esta auto agressividade? De que forma ela ajudaria a compreender a questão da disposição pulsional do sujeito suicida?

Para compreender a agressividade, sobretudo a auto agressividade em psicanálise, assim como trabalhada por Freud, é imprescindível visitar o conceito de masoquismo e suas manifestações clínicas. Como bem exposto por Laplanche em *Porque a pulsão de morte* (1985), em qualquer sujeito submetido à análise é possível encontrar sofrimentos que seriam provocados pelo próprio sujeito em detrimento da busca de um prazer em outro lugar. Este é o ponto chave para a compreensão do conceito de masoquismo: ao mesmo tempo em que existe o prazer, existiria o desprazer em igual medida no aparelho psíquico. Porém torna-se importante um aperfeiçoamento desta afirmação no esforço de não esvaziar ou simplificar este conceito tão complexo. Prazer e desprazer aqui não estão relacionados a instâncias psíquicas diferentes, como comumente considerado. Não se trata de algo que é desprazeroso para uma instância e prazeroso para a outra, mas sim ao mesmo tempo aquilo que é prazeroso é também desprazeroso para o sujeito. Ele “goza lá *onde* ele sofre, e não enquanto sofre aqui para gozar lá, em função de uma aritmética ou álgebra dos prazeres” (Laplanche, 1985, p. 107).

Neste contexto dizer em prazer ou desprazer do aparelho psíquico, sofrimento ou gozo, não seria a mesma coisa que reconhecer um polo positivo em oposição a um polo negativo, é preciso uma análise mais cuidadosa. Do lado do prazer (*Lust*) as significações de apaziguamento, satisfação e gozo parecem se oferecer como derivações do primeiro, permitindo apropriações singulares dependendo do seu contexto; enquanto do lado do desprazer se aglutinam as noções de desligamento, excesso pulsional. Irei atentar à natureza

de um possível prazer/desprazer na medida em que ela me proporcionará recursos para compreender o sofrimento, assim como, no caso do suicídio, o privilégio da saída mortífera em detrimento da vida.

Pensando na lógica do masoquismo como colocada por Laplanche logo acima, é importante ressaltar que a dinâmica de prazer e desprazer provocada pelo próprio sujeito remete à natureza interna das pulsões. O que seria esse atacante interno? Como ele pode ser pensado como a origem do desprazer auto infligido, do masoquismo?

2.1. O caminho de Freud

Ao estudar os fenômenos da neurose traumática, Freud se depara com um fenômeno que o instigou a problematizar parte do arcabouço teórico da psicanálise até aquele momento. Em 1920 em *Além do Princípio do Prazer*, Freud parece tirar consequências importantes para a teoria psicanalítica sobre a relação da auto agressividade com o masoquismo, introduzindo à psicanálise o conceito revolucionário da pulsão de morte. Cabe ressaltar que se trata de um texto confuso, de idas e vindas, de associação livre, de contradições, mas que traz consequências importantes para a teoria psicanalítica. Mesmo que calcada em uma compreensão de uma força universal, de um princípio de força cósmica que tenderia a levar tudo ao estado inanimado e inicial da vida, este texto me parece trazer conceitos fundamentais quando tratamos da morte, principalmente da morte autoprovocada, como intento neste trabalho. Farei uma apropriação dos textos de Freud de forma a fazê-lo debater com outros autores que apresentam outros tipos de leitura possível sobre a pulsão de morte.

Monzani (1989) é um autor que se esforça por esmiuçar a tese freudiana presente neste texto, objetiva desvendar algumas incompreensões que permanecem, mas principalmente tenta compreender as consequências da introdução do conceito de pulsão de morte na teoria psicanalítica. Percorrerei este trecho do caminho teórico de Freud (1920) em *Além do princípio do prazer*, traçado por Monzani.

A partir da observação dos sonhos de angústia, de pacientes acometidos pela chamada neurose de guerra, ou mesmo das brincadeiras infantis, Freud reconhece um fenômeno que atravessaria as três situações de forma semelhante: a compulsão à repetição. Monzani insiste em defender que cada evento deste por si só não seria suficiente para oferecer o arcabouço clínico para a criação de um novo paradigma teórico, porém todos eles compartilham um mesmo ponto, tratam-se de atividades inconscientes que não parecem visar primordialmente a produção de prazer. Quebra-se a lógica do princípio de prazer e desta forma demandam por novo posicionamento teórico.

Retomando a obra freudiana Monzani (1989) encaminha o leitor para a teoria da gênese do aparelho psíquico, na qual uma analogia com uma vesícula indiferenciada é o que permitirá a compreensão dos efeitos internos e externos do traumatismo. Este último seria uma violação do equilíbrio psíquico, pensado inicialmente como uma força externa de grande extensão, ou simplesmente que o aparelho não estaria preparado para processar. Tendo como objeto primeiro a neurose de guerra, a noção de algo que interpela o sujeito de fora para dentro e que escancara o despreparo inicial do mesmo, parece adequada, porém incompleta.

Esta excitação provinda do exterior pode provocar no organismo uma falha no sistema defensivo, na paraexcitação. O traumatismo então se daria como uma ruptura de uma barreira que em outros momentos foi suficiente como escudo protetor. No caso de rompimento deste escudo protetor, a excitação externa fluiria livremente pelo aparelho mental, exatamente como qualquer excitação interna. Neste caso tanto a noção de escudo protetor quanto de atravessamento deste parecem se misturar com uma noção mais biológica do contorno corporal e de uma ferida real, respectivamente, neste corpo. Deste evento de invasão do corpo constitui-se a condição básica para aquilo que chamamos de dor.

A resposta a esse fenômeno vem da anticatexia, como uma mobilização interna que trabalha no sentido de fixação, aprisionamento, ligação, desta energia “invasora”, livre, que escoia por todo o aparelho. É justamente o trabalho psíquico aqui descrito que caracteriza o fenômeno da dor.² Parte-se do pressuposto de que o sujeito invadido pela excitação externa dispõe de ferramentas psíquicas suficientes, ou não, para aprisionar, fixar esta energia invasora. Logo, supõe-se um trabalho psíquico prévio que é capaz de garantir a disposição de medidas defensivas para o sujeito. Sugiro a hipótese de que parte importante deste arcabouço simbólico de defesa tem suas origens nos primórdios da vida do sujeito, e está intimamente

² Ressalto a importância desta tese para algo que será elaborado posteriormente no presente trabalho.

ligado com a forma com a qual esse bebê foi capaz de vivenciar seu desenvolvimento, ajudado ou não por um adulto cuidador³.

Ainda tirando consequências do que a teoria do trauma afirma, o movimento psíquico de anticatexia, portanto o esforço psíquico de eliminação da energia livre, a diminuição do excesso pulsional, estaria em concordância completa com a lógica que rege o princípio de prazer, qual seja, da diminuição da tensão visando por fim o apaziguamento do aparelho psíquico. Porém, Freud se viu diante de um quadro clínico o qual nomeou como neurose traumática justamente pela sua característica de fixação em uma cena traumática. Esta patologia teria como sintoma a repetição da cena disruptiva em forma de sonhos ou de lembrança e seu conteúdo não estaria relacionado necessariamente a um traumatismo externo, como demonstrado logo acima. Ora, de onde provinha então o excesso pulsional responsável pelo trauma psíquico? E se Freud entendia que o princípio que regia o aparelho psíquico era justamente aquele que visava à diminuição de tensão e prevalência do prazer, como poderia considerar uma sintomatologia na qual o que estaria em jogo era a própria produção de desprazer na forma de repetição da cena traumática?

Na medida em que Freud (1920) se debruça no desafio de classificar as neuroses de guerra, causadas por um perigo real e mortal, como um tipo de neurose traumática, esta, por sua vez causada por um “perigo interno”, conclui que tanto em uma quanto na outra o sujeito teme algo que está incorporado. Em última instância, ao operar com o conceito de libido narcísica, Freud compreende que aquilo que é temido e contra o qual o sujeito deve se defender é justamente a libido e suas exigências ameaçadoras. Inaugura-se, portanto uma teoria importante que postula a libido, o conteúdo inconsciente suas exigências e seus efeitos como o próprio inimigo interno, aquele contra o qual a lógica da paraexcitação não será suficiente. A constatação da existência de um “estrangeiro interno” que atua de forma atacante e desconhecida e contra o qual o sujeito se encontra mais vulnerável que em relação aos estímulos externos, parece fazer cair por terra a diferenciação ou a separação em nosologias distintas da neurose traumática e da neurose de guerra.

Seguindo a lógica do trauma externo, um rompimento ou furo nas barreiras de defesa do aparelho psíquico faz com que este se inunde de energia sexual livre, como uma barreira de uma represa que se rompe e por ela passa todo o volume de água que antes estava sendo retido. Essa inundação do aparelho psíquico é sentido pelo sujeito como excesso de excitação,

³ Tratarei sobre esse tema mais detalhadamente no capítulo 3

como falta de ligação e por isso como angústia. Nos casos em que esse rompimento, esse furo coincidem com uma lesão real no corpo, toda a inundação pulsional que não tinha lugar no aparelho psíquico pode ser escoada para esse ponto de lesão, fazendo com que a elaboração possa acontecer pela via do corpo, e por isso com menos potencial traumático. É importante lembrar que quando Freud começa a pensar nesta questão ele estava às voltas com os ex combatentes de guerra, alguns com sequelas significativas no corpo das memórias da guerra, outros não. Entende, portanto, que nos casos em que há uma invasão de um excesso pulsional sem lesão corporal a avalanche sexual interna, sem vias de escoamento, é justamente o que proporcionaria o efeito traumatizante. Portanto, o que é traumático não é tanto o choque, mas justamente esse afluxo pulsional interno que permanece no aparelho psíquico e não encontra caminho de escoamento.

A lógica da compulsão à repetição entraria justamente neste momento da argumentação teórica. De acordo com Monzani (1989)

“Alguns autores parecem pensar, ao que tudo indica, que a compulsão a repetição está a serviço da *Bindung* [ligação], como no caso dos sonhos na neurose traumática. Ela seria a tentativa de ligar e posteriormente descarregar fracionadamente as tensões excessivas. Para outros seria a tentativa de ligar a pulsão de morte. (...) Por último, tenta-se relacionar a compulsão à repetição ao mais pulsional da pulsão, ao seu caráter demoníaco, isto é, à pulsão de morte” (p. 182).

Dito isso Monzani (1989) ressalta que a repetição nem sempre está relacionada com uma “insistência” do desprazer, nem sempre está a serviço de uma repetição de algo desprazeroso. A brincadeira infantil, por exemplo, pode estar a serviço muito mais de uma repetição do prazer do que do seu contrário. Ressalva feita, interessa neste momento compreender o que estaria em jogo na repetição do desprazer.

Ainda num esforço de esmiuçar a confusa tese freudiana de *Além do princípio do prazer* (1920), Monzani (1989) nos relembra que o inconsciente, como concebido por Freud, seria composto por duas classes de materiais: “o recalçado enquanto tal (...) e os representantes pulsionais” (p. 185). Este último pode ser decomposto em uma fonte, a qual é considerada somática; uma finalidade, que seria a própria satisfação com fim de eliminação da tensão; um objeto, que seria através do qual é possível a redução da tensão e obtenção de satisfação; e por fim um fator motor, que aparece como uma pressão (*Drang*) pulsional, uma exigência de trabalho (p.185). É em função desta configuração inconsciente que é possível

compreender a tese de que a energia que aparece em estado livre, proveniente de uma fonte somática, exerce uma força pulsional constante no sentido de determinada finalidade. Essa natureza “selvagem” do inconsciente, não ligada, flexível e passível de novos arranjos é justamente a natureza da própria pulsão; cabe aos “estratos superiores do aparato anímico” (Monzani, 1989) a função de ligação desta energia psíquica. Sendo a repetição um mecanismo de funcionamento do inconsciente, como nos evidencia Freud em relação às brincadeiras infantis, os sonhos traumáticos e na transferência analítica; e sendo também a própria pulsão o material inconsciente, resta a conclusão de que a pulsão é, ela própria, repetição. Desta forma fica traçado o caminho para o entendimento da compulsão a repetição como algo que manifesta um atributo inerente à própria pulsão, e desta forma evidencia um automatismo de repetição que pode revelar uma tentativa “constante e incessante de repetir um estado originário” (Monzani, 1989, p.187), arcaico, primitivo.

Neste ponto parece que chego a uma tese freudiana clássica sobre a pulsão de morte e sua tendência a repetir um estado originário, arcaico e primitivo. Opto por abrir uma sessão dedicada a esse tema tão árduo, confuso e contraditório da psicanálise.

2.2. A Pulsão de morte

A conceituação da própria pulsão como repetição na tentativa de alcançar um estado originário, primitivo do ser vivente é levada ao extremo por Freud quando este teoriza o conceito de pulsão de morte.

Em *Além do Princípio de Prazer* (1920), calcado em argumentos metafísicos e em na compreensão de uma “força universal”, Freud faz a seguinte afirmação:

“Toda modificação, assim imposta ao curso da vida do organismo, é aceita [grifo nosso] pelos instintos orgânicos conservadores e armazenada para ulterior repetição. Esses instintos, portanto, estão fadados a dar uma aparência enganadora de serem forças tendentes à mudança e ao progresso, ao passo que, de fato, estão apenas buscando alcançar um antigo objetivo por caminhos tanto velhos quanto novos. (...) Estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido. Pelo contrário, ele deve ser um

estado de coisas *antigo* [grifo do original], um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através dos tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz” (p. 49).

Apesar deste texto de Freud ser carregado de dúvidas, especulações, argumentações inconclusivas, nesta passagem fica clara a tese que Freud esforça-se por defender em relação à pulsão de morte como força fadada a buscar alcançar um antigo objetivo, armazenado de alguma forma como uma espécie de memória de um estado inicial, antigo. Fica marcada de forma importante a tendência conservadora da pulsão. E ainda é afirmado de forma categórica que “o objetivo de toda a vida é a morte” (p.49).

Apoiado na biologia supõe um movimento inértico essencial, a partir do qual a tendência do organismo seria permanecer repetindo o mesmo estado de coisas, caso as condições permanecessem as mesmas. O objetivo final de todo esforço orgânico, como evidenciado, portanto, seria no sentido de buscar um estado de coisas antigo, já vivido anteriormente pelo organismo, em uma lógica de força cósmica, que ultrapassa a compreensão psicológica. Desta forma compreende que o objetivo de toda vida é a própria morte, e tal objetivo é buscado por um movimento interno do próprio sujeito, a pulsão, como exposto ao fim da sessão anterior.

Na medida em que o organismo vivo se complexifica, no processo de evolução, Freud (1920) afirma que a tendência é que o caminho de retorno ao inanimado também se complexifique, criando trilhas alternativas e retorcidas antes de alcançar a verdadeira morte – abre-se aqui um viés a partir do qual se pode pensar nos mais variados matizes da pulsão de morte, sendo a própria morte o objetivo mais radical. A conclusão freudiana seria que outras forças estariam presentes na vida do sujeito, fazendo uma contraposição à tendência a morte, mas no fim “o que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo” (p. 50). As forças de “evitação” da morte, que iriam na contramão do retorno ao inorgânico, estão completamente comprometidas com a pactuação da morte à maneira do indivíduo, sendo, portanto, agentes de evitação da morte a qualquer custo.

Ainda em um texto do mesmo ano, *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920), apropriado do conceito de pulsão de morte, Freud escreve:

“Tampouco a descoberta regular desses desejos de morte inconscientes naqueles que tentaram o suicídio precisa surpreender-nos (não mais do que deveria para fazer-nos refletir que isso

confirma nossas deduções), de vez que o inconsciente de todos os seres humanos se acha bem repleto de tais desejos de morte, até contra aqueles a quem amam” (p.101)

Ora, se Freud está dizendo de uma teoria da morte – de um desejo assim como de uma tendência de todo organismo vivo à morte – quais as consequências desta tese freudiana quando nos deparamos com o tema do suicídio? Poderíamos considerar a tentativa de suicídio como manifestação por excelência desta exigência de morte a “seu próprio modo”? Continuo a trilha teórica para entender melhor essas questões que se colocam.

Freud mantém a lógica dualista em vários pontos de seu trabalho. Pensa em termos de princípio de prazer e de realidade; inconsciente e pré-consciente/consciente; processos primários e processos secundários; energia ligada e energia desligada. No caso que aqui trato, não o faz de forma diferente. Compreende uma força que está comprometida com a permanência da vida, Eros, enquanto outra se esforça para o objetivo da morte, Tânatos. Este último se apresenta como essa tendência ao retorno da inexistência, portanto da própria morte em seu sentido último de ausência de vida. Enquanto à Eros restaria a tendência de reunir, de criar unidades cada vez mais complexas. Ambas as forças se fazem presentes no interior do indivíduo e travam ali mesmo seu campo de batalha, formando um primeiro momento do embate dual. É somente em um segundo momento, separado tanto pela lógica temporal quanto didática, que acontece a manifestação dessas duas forças, quando se voltam para o mundo externo, que elas se fazem reconhecer na forma de agressividade. “Afirma-se aqui o primado da autoagressão sobre a hetero agressão, não sendo esta autoagressão, por sua vez, senão a consequência do primado absoluto, no indivíduo, da tendência ao zero, considerada como a forma mais radical do princípio de prazer” (Laplanche, 1988, p. 110).

Monzani (1989) nos lembra que o conceito de pulsão de morte provocou sérias reações no meio psicanalítico, levando alguns autores a se questionarem sobre sua utilidade clínica, já que a própria pulsão de morte não apareceria de forma evidente na clínica. Os conceitos de agressão e autoagressão seriam aqueles utilizados pelo analista na sua prática concreta, em detrimento de uma compreensão metapsicológica ou mesmo dos fundamentos destes conceitos. Sobre este aspecto Freud reconheceu um ponto que chamo a atenção pela importância singular para o presente trabalho: as pulsões, seja de vida ou de morte, nunca estão em seu estado puro, nunca aparecem como atores de um monólogo, mas sim misturadas, confundidas uma com a outra. Somente a partir das manifestações ruidosas da pulsão de vida é que a pulsão de morte encontraria um meio de se evidenciar, já que esta seria, por sua vez,

silenciosa e invisível em sua manifestação pura. Desta forma Freud esforça-se por encontrar uma manifestação psíquica para a pulsão de morte - alguns autores sugerem que este esforço de Freud em manter o dualismo pulsional, mesmo que não se apresente de forma evidente na clínica como participantes de polos opostos, é em função das ameaças sentidas por este em relação à noção junguiana do monismo pulsional, e não necessariamente por uma pertinência clínica.

No caso do suicídio, nos resta a pergunta: já que a pulsão de morte como defendida por Freud em Além do princípio do prazer tem como fim último a morte do ser vivente, mesmo que à sua maneira, seria a própria morte “autoprovocada”⁴ (ou a tentativa) uma manifestação por excelência da pulsão de morte?

Para continuar o raciocínio aqui privilegiado, complexificando a compreensão da pulsão de morte, exporei a concepção de Garcia Roza (1990), que se vale da teoria lacaniana, a respeito da pulsão de morte e suas manifestações clínicas. Inicia sua argumentação com uma observação lacaniana de que a repetição não seria coincidente com a reprodução, uma vez que na primeira o que se repete é algo com algum de novidade enquanto na segunda, o que está em jogo é a reprodução do mesmo. Coloca em evidência, de partida, a crítica em relação à concepção freudiana de repetição como reprodução de um estado anterior.

Caminhando em relação à concepção lacaniana de pulsão de morte, Garcia Roza (1990) articula-a de forma didática, a três níveis possíveis:

- 1) Um nível dos sistemas materiais inanimados – nível da *entropia*: este se refere à utilização do conceito energético de entropia a psicanálise, que seria o grau de irreversibilidade de um sistema, levando em consideração uma lógica econômica;
- 2) Um nível dos sistemas materiais vivos – *retorno ao inanimado*: este nível refere-se à noção freudiana, já brevemente explicitada acima, de tendência de retorno ao equilíbrio e à excitação zero;
- 3) Como *vontade de destruição*: este se faz como o diamante a ser explorado de forma mais cuidadosa, explico.

A pulsão de morte como *vontade de destruição* – ou como Garcia Roza sugere uma melhor apropriação do termo, como *potência de destruição* – trata-se não de uma tendência,

⁴ Este termo foi privilegiado neste contexto em detrimento de auto-desferido pois reconhecemos em algumas tentativas de suicídio a convocação do outro como agente “assassino”, no caso por exemplo do sujeito que pula na frente de um carro.

algo da ordem do biológico, ou mesmo do inatismo, mas sim de uma vontade de destruição no sentido da possibilidade do aparecimento do novo. Flexibiliza a leitura freudiana de tal forma que reconhece a pulsão como algo que exige a recriação do natural, por isso identificada com a vontade de destruição, e não como tendência a reproduzir o mesmo; como “vontade de Outra-coisa...” (Roza, 1990, p. 131).

Esta nova tese, em relação à exposta anteriormente, tem na lógica da junção e disjunção a chave para a sua compreensão. Roza mostra que depois de um caminho teórico de idas e vindas, por fim Freud assume a existência de duas pulsões básicas: pulsão sexual e pulsão de morte – sendo que as pulsões de auto conservação e sexuais estariam abarcadas na parte das pulsões sexuais e a destruição seria uma exteriorização da pulsão de morte. Nesta lógica estariam operando de forma dual os princípios conjuntivos, no caso das pulsões sexuais, e disjuntivos, no caso da pulsão de morte.

A pulsão de morte vai operar, portanto, num sentido de desmontar, desfazer as amarrações, ligações anteriormente feitas, e só a partir deste movimento é que o sujeito estaria frente a uma possibilidade de algo novo, de uma recriação. Para Lacan, portanto, (na leitura de Garcia Roza) a pulsão de morte é justamente aquela que proporciona a possibilidade de existência do diferente, de recomeços e de não repetições; enquanto a pulsão de vida, em seu princípio de conjunção, estaria na contramão, proporcionando ligações e mantendo uniões, de forma conservadora, sendo que se operada de forma separada à pulsão de morte o que aconteceria seria a dissolução de todas as diferenças em uma grande união final na qual o sujeito e o desejo não poderiam mais existir. (Roza, 1990)

A pulsão de morte seria então antinatural e anticultural. Na medida em que é considerada como potência criadora e transformadora, recusa a permanência do mesmo. Nesta lógica, a tendência a indiferenciação, eliminação da diferença, seria proveniente de Eros, “A verdadeira morte – a morte do desejo, da diferença – sobrevém por efeito de Eros e não da pulsão de morte” (Roza, 1990, p. 137).

Parece ficar evidente que a tese de Freud em *Além do princípio do prazer* e a tese de Lacan, como apresentada por Roza se mostram de forma paradoxal entre si. Enquanto o primeiro diz da pulsão de morte como uma tendência de retorno a um estado inanimado, antigo, anterior à própria vida, portanto uma tendência de permanência deste estado; o segundo, ao contrário, lê a pulsão de morte justamente como a possibilidade de transformação, de recomeço, de um princípio proporcionado pela destruição do mesmo. O

verdadeiro conservadorismo aconteceria em detrimento da pulsão sexual, e não da pulsão de morte.

Parece-me que chego neste ponto do trabalho em um problema comum na psicanálise, qual seja a dialética, ou até mesmo o dualismo, para seguir a lógica freudiana, entre o excesso e a falta. Para Freud, como trabalhado neste capítulo, o suicídio poderia ser pensando como uma manifestação por excelência da pulsão de morte, de desligamento, de desejo inconsciente de morte, de um movimento de desligamento pulsional. Poderia falar, portanto de *falta* de ligação, de falta de elementos simbólicos de elaboração e de *excesso* pulsional, de excesso de excitação e de ataques internos. Em caminho contrário Garcia Roza traz uma perspectiva da morte, como uma morte simbólica, e mais a serviço de Eros que de tãatos. Se for possível coincidir a morte simbólica com a morte real, o que se coloca é um *excesso* de ligação, excesso de permanência do mesmo, e falta de mudança, falta de “outra-coisa”.

Fala-se, portanto, de conceitos diferentes de pulsão de vida e pulsão de morte, porém parecem compartilhar elementos importantes: o primeiro deles é a constatação de que tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte são forças que habitam todos nós, e desta forma fazem parte da afetação do outro diante de uma cena de suicídio; outro elemento é que sob qualquer uma das perspectivas fica claro que a divisão dialética das pulsões é didática e serve-nos somente no âmbito teórico. Sendo assim, o que teria de vida no suicídio?

3. Capítulo 2 – Uma virada teórica

Há muitas espécies de suicídio. Há os que são profundamente auto conservativos e narcísicos. Nem todos são destruição, apesar da aparência. Alguns se dão para conservar alguma coisa, uma imagem de si mesmo, uma imagem do ego, e mesmo um ideal. Creio que não se pode passar diretamente da autoagressão, ou do masoquismo, para o suicídio. Não penso que todo suicídio seja masoquista. (Laplanche & Cardoso 2000, p. 60)

Em entrevista com Marta Cardoso, encontra-se a afirmação de Laplanche de que não reconhece o suicídio como necessariamente uma manifestação masoquista, ele seria, antes disso possivelmente uma tentativa de conservação de alguma coisa, “uma imagem de si mesmo”, “uma imagem do ego” ou até mesmo um ideal. Esta tese, concebida desta forma, como uma fala repleta de significações mas sozinha em relação a um arcabouço teórico no contexto da entrevista, parece paradoxal e possivelmente sem sentido. Porém me parece que essa hipótese carrega algo de precioso em relação ao sujeito suicida, ou pelo menos nos ajuda a observar o fenômeno com disposição de escuta, em uma atitude de abertura para aquilo que pode representar.

A meu ver existem alguns caminhos possíveis para tentar compreender o significado dessa tese. Um deles, ao qual não me atentarei longamente, é o de entendimento do suicídio como conservação de uma imagem, de um ideal, que estariam relacionados à construção do ideal do eu. Esse conceito pode nos fornecer a trilha necessária para adentrar no paradoxo da morte como preservação, sendo que morte e preservação são compreendidas aqui, não como opostas, como necessariamente excludentes, mas quase como se fosse possível a derivação de um pelo outro. Posso partir do pressuposto de que esse “ideal”, de que fala Laplanche está carregado de significações infantis e inconscientes, assim como o próprio conceito de Ideal do Eu.

O fenômeno do suicídio religioso na religião islâmica⁵, por exemplo, pode servir como um protótipo para adentrar no paradoxo do suicídio como preservação. A religião islâmica carrega valores que são muito condizentes com a manutenção da vida, e inclusive condenam o suicídio em suas escrituras, porém existe um grupo mais radical dentro da própria religião que

⁵ Faço referência à um trabalho produzido por mim mas ainda não publicado

faz uso do *shahada* - o martírio ou suicídio religioso – em nome de uma leitura extremista dos escritos sagrados. O *shaheed* – o homem que pratica o suicídio religioso – comete o suicídio em nome de uma espera pela entrada no paraíso, por seu reconhecimento pessoal pelo grupo – evidenciado de forma importante pela criação de um vídeo que é compartilhado pelos *shaheed*, conforme apresentado em outro trabalho ainda não publicado. Mesmo não estando mais presente fisicamente neste grupo, o sujeito é tomado como herói, evidenciando que a prática do suicídio parece estar a serviço de um ideal grupal que tem sua referência em um passado (tradição) que se faz compatível com um futuro (esperança de libertação). Há de se compreender, neste exemplo, o suicídio relacionado diretamente com a preservação de um ideal, neste caso de um ideal compartilhado por um grupo organizado, hierárquico e carregado de compreensões transcendentais de libertação, de paraíso, de cumprimento de um dever para com seu grupo.

Essa é uma leitura possível que não me parece tão distante da tese laplancheana, porém, para ser fidedigna com este autor, torna-se imprescindível uma caminhada pela sua própria obra para procurar pistas que iluminem meu entendimento desta afirmação paradoxal.

Na mesma entrevista que citei, Laplanche fala do tema da agressividade, diferenciando a auto agressividade e a hetero agressividade, como expus brevemente no primeiro capítulo. Porém, desta vez – diferente da forma com que esse tema foi trabalhado no capítulo anterior – Laplanche afirma não acreditar que a auto agressividade e o masoquismo estariam necessariamente como regentes do suicídio. A meu ver a afirmação de Laplanche está mais no sentido de uma constatação de uma economia dos pesos e medidas destes aspectos no fenômeno do suicídio: em uma balança sobre este fenômeno, o lado que pesaria mais poderia ser o da conservação, enquanto o outro seria das disposições masoquistas e auto agressivas – que a meu ver não deixam de existir no autoextermínio (necessariamente não se trata de uma balança de dois braços apenas, seria reducionista esta constatação para um fenômeno tão complexo). Mas o próprio Laplanche ainda tenta explicitar que, para ele, no suicídio, não se encontra o fenômeno da autoagressão masoquista como um sofrimento pela pulsão; trata-se muito mais de um fenômeno de excitação (p. 59). Desta forma discorre sobre sua leitura do suicídio nos seguintes termos:

Penso que a agressividade dirigida para fora, a agressividade ante o outro é uma reação à agressividade contra si mesmo, isto é, justamente a agressividade da sexualidade que não consegue dominar. Creio que é um pouco o que Freud descreveu a propósito da pulsão de morte não-“sexual” – que eu acho que é profundamente sexual...), o movimento que faz com que a

agressividade seja a princípio auto agressão, antes de ser projetada para o exterior. Ela poderia ser também um pouco “dominada”, ao mesmo tempo, pelo exterior... (...) Creio que é a situação geral das pulsões que são auto-agressivas antes de serem agressão do outro. O ataque da pulsão supõe sempre um tempo em que ela ataca o ego (...) É o momento em que a pulsão se constitui. Ela se constitui como ataque do ego. Portanto o próprio ego torna a projetar, digamos assim, a pulsão para o exterior. (Laplanche & Cardoso 2000, p. 59)

Laplanche afirma, neste pequeno trecho que a agressividade contra si mesmo viria, em uma lógica que resgata sua constituição, anterior à agressão endereçada ao outro, ao mundo externo. Retoma o conceito freudiano de pulsão de morte, já trabalhado, mas sobretudo ressalta que essa auto agressividade é um fator intrínseco quando se trata de pulsão. É “a situação geral das pulsões” serem primeiramente auto agressivas e somente em um segundo momento serem projetadas para o exterior pelo próprio ego. Afirma de forma categórica que o “ataque da pulsão supõe sempre um tempo em que ela ataca o ego”. O que ele estaria querendo dizer com *ataque* da pulsão? A que estaria atribuído essa “natureza” atacante? No que se refere a constituição pulsional, porque, ela se constitui justamente como ataque? Autoagressão, portanto poderia ser considerada como uma agressão a outro interno? A esta última pergunta, feita por Cardoso, Laplanche oferece pistas de resolução: “Não, penso que seria antes uma agressão que vem do outro interno” (p. 59).

A noção de um atacante interno, que é proveniente de um núcleo completamente desconhecido ao sujeito, porém que faz parte dele me parece a chave para compreender essa afirmação paradoxal. Laplanche está dizendo que existe uma força atacante, dentro do próprio sujeito que o ataca por dentro, que ataca o aparelho psíquico e ameaça a constituição egóica. Esta noção de *inimigo interno* parece já estar presente desde a concepção freudiana de trauma, ou mesmo, se for mais rigorosa na busca, na própria descoberta do inconsciente. Freud promove uma revolução no pensamento de sua época ao afirmar que o homem não seria o sujeito de si, que algo o habita que ele mesmo não teria domínio.

Parece-me imprescindível aqui uma visitação à teoria laplancheana para começar a tentar desvendar esses desafios que esse autor nos coloca.

4. Capítulo 3 - A alteridade na constituição subjetiva

Retomo a hipótese anunciada no primeiro capítulo: parte importante do arcabouço simbólico de defesa do adulto – tratado no capítulo como a capacidade de catexização do excesso libidinal do trauma – tem suas origens nos primórdios da vida do sujeito, e está intimamente ligado com a forma com a qual esse bebê foi capaz de vivenciar seu desenvolvimento, ajudado, ou não, por um adulto cuidador.

Essa hipótese tem seu ponto de partida nas relações mais primárias do bebê com o outro, adulto cuidador e primeiro objeto de amor. Desde Freud, e da “revolução” trazida a partir da descoberta sobre a sexualidade infantil – e com a apropriação laplancheana da teoria de Freud – há a tentativa de explicar a totalidade da psicopatologia e da gênese psico-afetiva do sujeito, a partir da sedução exercida por um adulto em relação a uma criança, ainda imatura e indefesa (Laplanche, 1988).

Para Freud a gênese do sintoma histérico está diretamente relacionada a um trauma infantil, mais precisamente, a uma cena em que um adulto perverso seria o ator da sedução da criança imatura e indefesa. Esta cena de forte conteúdo sexual provocaria na criança um excesso pulsional, e seguindo a lógica já exposta no capítulo um, se faria como um trauma no aparelho psíquico prematuro, na medida em que não encontrasse qualquer disponibilidade de integração e simbolização de seu conteúdo. Uma segunda cena, no *après coup*, na maturidade sexual, seria a responsável pelo disparo do gatilho da infância. O material recalçado à época viria à tona em forma de sintoma histérico. Porém, à sua época, Freud se viu diante de um fator estatístico que pareceu não concordante com a realidade: não seria possível que existissem tantos adultos perversos quanto sujeitos com sintomatologia histérica. Esta constatação o fez reformular sua teoria da sedução: a lembrança da cena de sedução da paciente histérica estaria completamente comprometida com sua fantasia, o que resolveu o problema estatístico questionado e proporcionou ao conceito de fantasia um novo estatuto na teoria, abrindo espaço para outras compreensões posteriores.

Porém, segundo Laplanche, essa reviravolta teórica foi justamente o que levou Freud a se afastar de um ponto crucial sobre a sedução e a gênese do sujeito psíquico. Auxiliado pelas ideias de Ferenczi, Laplanche retoma a teoria da sedução de Freud e propõe uma nova forma

de leitura, ressaltando o fator de realidade da sedução. Porém, desta vez o adulto sedutor não é mais considerado como um adulto “perverso”, em uma cena restritiva e determinada de sedução, mas um adulto comum, e a sedução não mais é considerada como um fator adoecedor, mas imprescindível para o advir do sujeito. Assim como já sugerido por Freud nas *Novas conferências introdutórias da psicanálise* (1915-1916), em seu texto *Da teoria da sedução restrita à Teoria da Sedução Generalizada* (1988) Laplanche afirma que o adulto é o primeiro agente de excitação do corpo da criança através dos cuidados de higiene e nutrição, porém, Laplanche percebe que os aspectos da sedução seriam reconhecidos para além deste cuidado. Trata-se de um adulto que endereça mensagens verbais e não verbais ao bebê, comprometidas inteiramente com seu próprio inconsciente, e por isso não transparentes nem para o próprio adulto emissor (Belo, 2004).

Ao considerar o sexual inconsciente do adulto, e não o sexual no seu sentido genital, de “abuso sexual”, sugere uma reinterpretação de todo o movimento de sedução. Questionando a existência de uma “fonte natural do sexual” Laplanche (1993) ressalta a importância da relação do adulto com o bebê:

“A relação de auto conservação atrai a sedução, e de muitas maneiras. Primeiro, primordialmente, a auto conservação é aberta para o outro, ela implica o outro. (...) vocês não acham que o essencial do sexual na criança vem do outro?, obtenho sempre esta resposta categórica: claro, a interação é dos dois lados. (...) É na interação da ternura que desliza, que se insinua a ação inconsciente do outro, a face sexual inconsciente da mensagem do outro”.(p. 59,60).

Ao usar o termo *ternura* neste trecho Laplanche faz referência à tese freudiana de 1914 sobre o conceito de *apoio* como o uso do corpo para a auto conservação, no caso do seio da mãe por exemplo, mas que provocaria no bebê o “despertar” do sexual. Seguindo um caminho diverso de raciocínio, Laplanche diz acreditar na impossibilidade de separação de um fator de auto conservação e outro sexual. Vale a pena demonstrar em suas próprias palavras:

“a relação de cuidados oferece, propõe, lugares de implantação para aquilo que os gestos adultos vão veicular como fantasias. Implantação, utilizo esse termo em um sentido pouco metafórico, pois a rigor não vejo por que a fantasia e a mensagem, a mensagem veiculando uma fantasia inconsciente, não seriam tão bem implantadas em uma parte do corpo – quanto no cérebro” (1993 p.61)

Isso que é implantado pelo adulto no bebê, em seu primeiro momento de forma inteiramente passiva, é extremamente enigmático e por isso impossível qualquer tradução naquele momento. Estes elementos enigmáticos são então recalçados, cindidos no aparelho psíquico, e se tornam um núcleo, um inconsciente primordial, constituindo os primeiros objetos-fonte, fontes da pulsão (Laplanche, 1988). Este fenômeno de cisão é justamente o momento de fundação do aparelho psíquico, trata-se do recalçamento originário.

O recalçamento originário, portanto, se faz a partir não do recalçamento de uma cena específica e determinada como compreendia Freud, mas a partir da generalização da sedução que acontece no dia a dia do adulto cuidador com o bebê.

A fundação do inconsciente, ou Isso, como evidenciada poderia ser dividida em dois momentos: o primeiro de inscrição dos significantes enigmáticos, vivido em situação de completa passividade pelo bebê e responsável pelo processo mais primário de clivagem psíquica. O segundo momento seria uma reatualização destes significantes nas fantasias sexuais infantis, sendo que aquilo de fracasso desta simbolização, de resto incontrollável, seria recalçado e povoariam o inconsciente. São as representações-coisa que tomam um caráter isolado, fora de comunicação e de significância no Isso. Trata-se de um inconsciente ao mesmo tempo “descentrado e descentrador” trata-se de um inconsciente originado em “um outro comum, cotidiano e libidinal. O inconsciente, claro, não é simplesmente o outro (pai e mãe) implantado em mim. Entre a intervenção do outro (sedução) e a criação da outra coisa em mim se intercala o processo do recalçamento que, metaforicamente, pode ser entendido como um metabolismo ou uma tradução” (Belo, 2004, p. 08).

O caráter inovador desta teoria em relação à teoria freudiana é que se trata de uma sedução necessária para o advir do sujeito como afirma Laplanche (1993):

“E, notadamente, a pulsão sexual tem uma fonte indissociavelmente fantasística e implantada no corpo. Seu objeto, o outro, está na origem da pulsão. Seu objeto-fonte (e poderíamos dizer, seu objeto-fonte-alvo) é o que resta da mensagem enigmática do outro, veiculada na auto conservação” (p. 64)

Fica a cargo do Eu tentar traduzir, colocar ordem a esses elementos do pulsional, que por sua vez não são passíveis de tradução completa e se tornam estrangeiros dentro do próprio sujeito. “A estrangeiridade interna é trazida pela estrangeiridade externa, que por sua vez está

comprometida pela relação enigmática com seu próprio estrangeiro interno” (Belo, 2004 p. 08).

Diante de todo o exposto até aqui gostaria de ressaltar um aspecto que me parece precioso deste capítulo e que permitirá a retomada e amarração dos capítulos anteriores. Fica clara na tese laplancheana a importância do outro para o advir do sujeito psíquico, porém não se trata de um outro agente de cuidados, se trata de um outro em sua complexidade inconsciente e sexual. O conteúdo implantado no bebê é por si só enigmático e será elaborado também de forma enigmática. Este núcleo enigmático que habita o sujeito seria justamente o *inimigo interno*, que provocaria efeitos os mais diversos. Sendo este a fonte da pulsão, seria também o responsável pelos ataques pulsionais, ataques que podem ser ameaçadores para a constituição do Eu e sua preservação.

4.1. O outro, o Eu e os cuidados

É importante ressaltar que o mesmo adulto que implanta conteúdos sexuais no bebê é quem o ajuda a organizar tais conteúdos e inclusive reconhecer-se como uma unidade, como Eu. Inicialmente os estímulos em relação aos cuidados dos bebês são sentidos por estes como excitação, difusa, fragmentada, sem unidade e principalmente sem unidade corpórea, apesar de se apoiarem no corpo. Ao mesmo tempo unificam o corpo como ‘objeto’ que é excitado e o fragmentam em zonas erógenas. Esta primeira etapa é marcada por uma excitação ainda não diferenciada como pulsão de vida ou de morte, apenas excitação. Na medida em que o adulto nomeia tanto as excitações, como o próprio corpo do bebê, quando oferece colo e contorno do corpo (holding) o adulto proporciona ao bebê a possibilidade de organização deste corpo fragmentado (Cintra, 2003). É o próprio adulto que o excita e é o próprio adulto que o ajuda a organizar-se psiquicamente.

Deste holding ofertado pelo adulto cuidador, derivam-se também a noção de tempo e espaço e de espaço potencial, conceito de um espaço metafórico que proporciona um lugar de integração de elementos essenciais para a subjetivação: “A criação do espaço potencial é

matriz de toda brincadeira de faz de conta e de todo pensamento metafórico, estabelecendo o elo criativo entre realidade psíquica e realidade exterior” (Cintra, 2003, p. 39)

Retomando o segundo momento do advir do inconsciente, como descrito acima, a potencialidade do faz de conta proporcionado por um ambiente de *holding* adequado, pode auxiliar a criança na elaboração destes conteúdos sexuais implantados, reatualizados em forma de fantasias sexuais infantis. Estes aspectos de cuidado do adulto me parecem estar diretamente relacionados com a capacidade de simbolização e elaboração da criança, assim como com a produção de conteúdos mais ou menos mortíferos.

Laplanche (1993) ainda acrescenta um ponto que me parece crucial ao se tratar de capacidade de elaboração:

“O narcisismo, sobre essa base, é o amor do eu; o amor de um eu ele próprio precipitado por amor, no próprio tempo do amor pela forma semelhante; um eu precipitado ao mesmo tempo em que o ser vivo se apega à imagem do semelhante; um eu amado, investido de libido, nos diz Freud, e tornando-se, acrescenta ele, ‘um grande reservatório’ da libido” (p. 76)

Portanto a formação do Eu está diretamente relacionado a esse endereçamento amoroso provindo do outro. Assim como é importante ressaltar, está diretamente relacionado também ao endereçamento mortífero vindo do outro. As mensagens inconscientes endereçadas, assim como a forma com que elas podem ser decodificadas podem deixar restos – que compõem o inconsciente e que funcionam como representação-coisa – mais ou menos mortíferos. Mas na medida em que ele é reconhecido e amado pelo outro, no mesmo tempo é um “eu precipitado”, é um eu criado. Laplanche acrescenta ainda que o Eu como instância psíquica, é justamente o responsável pela “ligação”. Ele é a cola que proporciona manter juntas as pulsões auto eróticas, ao mesmo tempo em que é também o responsável por contê-las. Usa o protótipo freudiano (do *Projeto de psicologia científica*) dos neurônios, descrevendo que o Eu funciona como uma rede de neurônios investidos que atraem os processos que passam pelas proximidades e engloba-os em sua totalidade “acha moderado ou freado ao invés de escoar-se livremente, como que por uma espécie de *imantação*” (p.76)

Já que o Eu seria a instância responsável pelo trabalho psíquico, ou seja, pela ligação pulsional e por isso por garantir a criação de uma rede de significações; em seu extremo oposto, em um Eu pouco investido e pouco *imantado*, teria um trabalho psíquico, um esforço de ligação aquém ao afluxo pulsional. Ao menor fluxo de ligações, ou seja, ao desligamento

pulsional, está colocado o problema da angústia. Sendo assim, pode-se considerar que o amor e o cuidado do adulto podem proporcionar a *imantação* do Eu, garantindo, de alguma forma, sua preservação.

5. Considerações Finais

A proximidade da morte e a fragilidade da vida são aspectos que saltam aos olhos de qualquer um diante de uma cena de suicídio, ou da tentativa. Muitos são os afetos convocados por esse fenômeno, desde hostilidade com o sujeito que tenta contra a própria vida, até sentimentos de cuidado, sentimentos mais maternos. É como se o fenômeno da morte auto provocada convocasse algo no próprio observador, algo disruptivo, algo mortífero, com o qual o Eu luta para silenciar e organiza. Ficar diante do sujeito suicida, assistir ao fenômeno do suicídio de uma perspectiva externa, ainda sim pode trazer a tona, de forma inconsciente, o perigo de desintegração, de desorganização e de morte do próprio sujeito observador. A ameaça à vida, reconhecida externamente ao sujeito pode ser correlativa de um medo ou ameaça internas de desorganização, de pulsões com tendências mortíferas, algo presente em todos.

Uma das leituras possíveis do complexo tema do suicídio, a partir da leitura de Freud seria de compreender o suicídio como a manifestação por excelência da pulsão de morte, do retorno ao inorgânico e portanto de um impulso que habita todos nós. Porém parece-me pouco para entender porque para algumas pessoas esse impulso que visa a morte “à sua maneira” alcança um objetivo final e para outras não. Considerando a leitura de Garcia Roza da teoria lacaniana, seria possível atribuir ao suicídio um lugar primordial de ligação, e por isso à serviço da pulsão de vida, na medida em que a morte de fato anula qualquer possibilidade de impulso da pulsão de morte, como transformação, como não repetição do novo.

Mas, por mais que as teorias apresentadas neste trabalho se articulem de forma diferente, uma da outra, há uma constatação da existência de algo que impulsionaria o sujeito no sentido das ligações e algo que o impulsionaria no sentido dos desligamentos. Desta forma se mantém o dualismo, tão caro à teoria freudiana.

Porém, existe um aspecto, desenvolvido aqui que me parece a pérola para a compreensão do suicídio como um ato de vida, de preservação, por mais paradoxal que possa parecer. Trata-se aqui de compreender a batalha pulsional interna: a rede egóica, criada a partir dos cuidados e referências infantis, é ameaçada pelo próprio inimigo interno – que contém os restos não elaborados das mensagens enigmáticas e por isso têm seu caráter

desorganizador do Eu. É nesse campo de batalha, na tentativa de evitação de destruição desta rede egóica, assim como na evitação da transformação (como colocado por Roza) é que o suicídio pode se inserir. Neste sentido, o fim da vida encerra também a possibilidade de destruição egóica, e por isso da destruição mais simbólica, como apontada por Laplanche, a morte do sujeito (Eu), a morte do desejo. A partir desta leitura fica claro que a ameaça psíquica, os ataques pulsionais internos parecem mais graves e mais angustiantes (em seu sentido de desligamento libidinal) do que a própria morte real.

Porém, ressalto como ponto importante para complexificar a lógica dos ataques pulsionais retomarmos a função da alteridade na constituição psíquica do sujeito assim como no seu desenvolvimento. Na medida em que essa rede egóica – a mesma que será atacada pela pulsão – é criada a partir dos investimentos amorosos do outro cuidador, do *holding*, permite que o narcisismo se construa sobre uma base de “amor do eu” (Laplanche, p. 75)⁶. Desta forma o aparelho psíquico é capaz de criar ferramentas para que diante dos ataques pulsionais mortíferos, se torne possível uma manobra defensiva na qual os ataques deste inimigo interno se tornem investimento no Eu.

Ora, percebe-se que se o amor e o cuidado do adulto podem proporcionar tal *imantação* do Eu, e desta forma facilitar ou até mesmo proporcionar a possibilidade de elaboração psíquica seguramente aí se encontra uma chave para compreender a eleição de algumas vias pulsionais feitas pelo sujeito, sejam elas pela via da vida ou da morte do Eu.

⁶ LAPLANCHE, J. Apoio e narcisismo II. In: _____. **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, Pg. 65-78

Referências Bibliográficas

BELO, F. (2004) A primazia da Alteridade. In: *Psicanálise, Religião e Teoria da Sedução Generalizada* (pp. 07-14). Belo Horizonte: Sêlo Editorial

CARDOSO, M. M. (2000) *Entrevista com Jean Laplanche*. Caderno Psicanalítico SPCRJ, vol 16 (n 9), p. 57-82.

CINTRA, E. M. U. (2003) As funções anti-traumáticas do objeto primário: *Holding*, continência e rêverie. *Tempo psicanalítico*, , v.35, 37-55

FREUD, S. (1915-1916) *Novas conferências introdutórias da psicanálise*. Vol. 15. [Edição eletrônica]

FREUD, S. (1920). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Vol 18. [Edição eletrônica]

FREUD, S. (1920). *Além do princípio do Prazer*. Vol 18. [Edição eletrônica]

LAPLANCHE, J. (1985) Porque a pulsão de morte?. In: *Vida e morte em psicanálise*. (pp. 106-127) Porto Alegre: Artes Médicas.

LAPLANCHE, J. (1988) Da Teoria de sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (pp 108-125) Porto Alegre: Artes Médicas.

LAPLANCHE, J. (1988) A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (pp. 72-83) Porto Alegre: Artes Médicas.

LAPLANCHE, J. (1988) A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (pp. 97-107) Porto Alegre: Artes Médicas.

LAPLANCHE, J. (1989) *Problemáticas III: A sublimação*. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes,.

LAPLANCHE, J. (1993) Apoio e narcisismo I. In: *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. (pp 52-64) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,.

LAPLANCHE, J. (1993) Apoio e narcisismo II. In: *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. (pp. 65-78) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,

MASSA, E. S. C. (2012) *Reflexos do objeto materno: do processo melancólico ao impulso suicida – as horas que separam duas mortes*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

MONZANI, L. R. (1989) Nos confins do prazer. In: *Freud: o movimento de um pensamento*. (pp. 143-232) UNICAMP,.

Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros. (Organização Mundial de Saúde - Departamento de Saúde Mental e de Abuso de Substâncias - Gestão de Perturbações Mentais e de Doenças do Sistema Nervoso) (2006) Organização Mundial de Saúde Genebra,.

Preventing suicide: A global imperative. (World Health Organization 2014) (2014) Geneva, Switzerland: World Health Organization.

ROZA, G. L. (1990) A. Pulsão de morte. In: *O mal radical em Freud*. (pp. 127-145) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

ROZA, G. (1990) L. O mal radical em Freud. In: *O mal radical em Freud*. (pp. 146-162) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor